Ecossistemas narrativos e convergências na produção audiovisual infantojuvenil:

do cinema às novas telas



João Paulo Hergesel

Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas)
(11) 98947-2110 | joao.hergesel@puc-campinas.edu.br

Introdução

Objetivo

Cartografar e discutir o estado da arte das publicações científicas sobre os ecossistemas narrativos e as convergências na produção infantojuvenil, traçando o arco evolutivo que se estende da matriz do cinema e da televisão às novas telas

---

Metodologia

Pesquisa bibliográfica e exploratória de abordagem qualitativa, para sintetizar e analisar criticamente as tendências teóricas recentes sobre o audiovisual infantojuvenil no contexto da convergência midiática, com suporte das ferramentas de IA Consensus.app, SciSpace e Elicit.



Da matriz cinematográfica e televisiva à construção dos *storyworlds* infantojuvenis

As discussões teóricas de Sánchez-Mesa *et al*. (2016) e Figueiredo (2016) convergem ao evidenciar que a narrativa transmídia não anula a linguagem de cada suporte. Ao contrário, cada tela reconfigura o mundo ficcional a partir de suas próprias regras: o cinema oferece a densidade mitológica inicial, a televisão estabelece laços de serialidade e convivência temporal, o *streaming* reorganiza a disponibilidade sob demanda e as redes sociais introduzem a lógica da performance e da conversação contínua. Como observado por Passarelli *et al*. (2025) no caso brasileiro de *As Aventuras de Poliana* e da TV Zyn, o sucesso de uma estratégia transmídia depende de equilibrar a coerência do universo ficcional com formatos curtos e verticais próprios das redes sociais.



Audiências jovens, práticas participativas e letramento transmídia:
de espectadores a *produsers*

Conforme sustentam Scolari (2009) e Passarelli *et al.* (2025), a expansão transmídia funciona primordialmente para as indústrias criativas como mecanismo de consolidação de marca (*branding*) e retenção de capital atencional em mercados saturados. No entanto, ao oferecerem vazios narrativos deliberados para engajar o público, as corporações abrem espaço para práticas de autoria que não controlam integralmente. Os jovens *produsers* atuam nessas frestas industriais, produzindo desde interações casuais até manifestações sofisticadas de remix e ativismo comunitário em redes sociais. Contudo, não se pode romantizar essa agência: as plataformas digitais convertem essa criatividade juvenil em métricas algorítmicas monetizáveis, mantendo as assimetrias fundamentais de governança e propriedade.



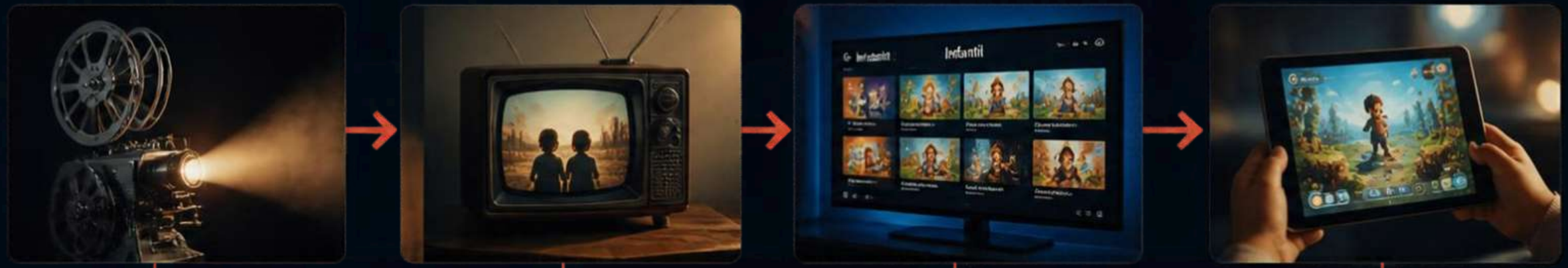
O cenário brasileiro e a reconfiguração multiplataforma: do streaming às redes sociais

Enquanto o mercado projeta franquias fragmentadas para multiplicar pontos de contato e vendas, as investigações de Pietschmann *et al.* (2014) e Djonov e Tseng (2020, 2025) demonstram que crianças pequenas enfrentam entraves substanciais para processar narrativas descontínuas e temporariamente fragmentadas. A apreensão dos sentidos exige um cuidadoso desenho semiótico multimodal, bem como a presença de mediação pedagógica ou familiar. Quando essa mediação inexiste, a dispersão pelas novas telas corre o risco de converter a experiência estética em consumo superficial de estímulos atomizados e marcas comerciais.



Resultados

O percurso analítico traçado neste trabalho demonstra que a produção audiovisual infantojuvenil não pode mais ser interpretada a partir de noções insulares de texto fílmico ou televisivo. O deslocamento do polo “mediacentrado” para o “narrativocentrado” redefine a infância e a juventude contemporâneas como atores de um ecossistema complexo, no qual os limites entre recepção, sociabilidade, aprendizagem e consumo tornam-se profundamente fluidos.



CINEMA TRADICIONAL

Grandes histórias na tela grande.

TELEVISÃO E CANAIS ESPECIALIZADOS

Novos formatos, audiências em casa.

INTERNET E PLATAFORMAS *STREAMING*

Conteúdos sob demanda, em qualquer lugar.

CONTEÚDOS PARA DISPOSITIVOS MÓVEIS E INTERATIVOS

Experiências personalizadas, interativas e imersivas.

Considerações finais

A síntese da literatura examinada oferece contribuições conceituais e metodológicas decisivas para o campo dos estudos de comunicação e audiovisual:

- Reafirma a necessidade de distinguir convergência tecnológica (mera distribuição multiplataforma em players diversos) de convergência cultural e transmídia (expansão do universo diegético com contribuição expressiva singular de cada meio e participação da audiência);
- Consolida a relevância de considerar a topografia diversa das habilidades dos jovens, mapeando perfis que vão do usuário eventual ao criador avançado (*produser*);
- Reintroduz as dimensões do desenvolvimento cognitivo infantil, da sobrecarga atencional e da crítica à comoditização da infância como contrapesos necessários aos discursos corporativos de interatividade irrestrita.



O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Brasil (processo nº. 302876/2026-0).

Referências

Djonov, E., & Tseng, C.-I. (2025). Children’s comprehension of time and their interpretation of event relations in narrative film: The tangled case of flashbacks. *Visual Communication, 24*(4), 624–647.

Figueiredo, C. A. P. de. (2016). Narrativa transmídia: modos de narrar e tipos de histórias. *Letras, 53*, 105–124.

Passarelli, B., Fernandes-Gomes, A.-C., & Magalhães-de-Oliveira, J. (2025). Pollyanna Adventures: Transmedia strategies for youth digital narratives in Brazil. *Infonomy, 3*, Artigo e25016.

Pietschmann, D., Völkel, S., & Ohler, P. (2014). Limitations of transmedia storytelling for children: A cognitive developmental analysis. *International Journal of Communication, 8*, 2259–2282.

Sánchez-Mesa, D., Aarseth, E., Pratten, R., & Scolari, C. A. (2016). Transmedia (¿storytelling?): una revisión crítica y polifónica. *Signa: Revista de la Asociación Española de Semiótica, 25*, 3–30.

Scolari, C. A. (2009). Transmedia storytelling: Implicit consumers, narrative worlds, and branding in contemporary media production. *International Journal of Communication, 3*, 586–606.